

MONTANHA, Vilela: *Os bravos de Oixi*. Índios em luta pela vida. Uma história baseada em fatos reais. / Prefácio Dom Pedro Casaldáliga. — Petrópolis: Vozes, 1994. 232 pp., 21 x 13,6 cm. ISBN 85-326-1237-7

Propriamente não seria da competência do recenseador escrever uma resenha deste livro que pretende ser uma obra literária. No prefácio, Dom Pedro Casaldáliga, com bem dosada generosidade, chega a dizer que tem *algo* dos "telúricos sabores de *Grande sertão: veredas*" (9). Embora seja expressa de forma cautelosa e se refira ao "espírito" da obra e não à forma literária, a comparação do bispo de São Félix do Araguaia é ousada e contraproducente, criando no leitor expectativas que depois poderão não ser correspondidas.

Entretanto, mais que um romance, o livro pretende ser uma denúncia da situação a que foram relegados os índios no Brasil. Nesse sentido, é lícito que um teólogo simpático à causa indígena lhe dedique uma apreciação, não do valor literário — o que fugiria a sua competência — mas do valor humano e profético que, sem dúvida, caracteriza a obra.

V. M., baseado em fatos reais, conta a trágica história da maloca de Oixi, dos índios Macuxi, que nada mais é que a história de todos os povos indígenas do Brasil. A ação passa-se na fronteira do Brasil com a Guiana. O A. dá aos lugares (e pelo menos a algumas pessoas) pseudônimos ou nomes simbólicos. Destaque-se o sugestivo criptograma para Roraima que se torna Província de Eldoraima, numa fusão de seu nome com o mitológico Eldorado que muitos vão buscar por lá. Não menos significativo é o nome dado às terras de que os invasores se apossaram, tomando-as dos índios por força, fraude e astúcia: Fazenda Brasil. Boa Vista se torna Buritizal e Dom Aldo Mongiano, o corajoso bispo que está entre as pessoas a quem o A. dedica seu livro, recebe o pseudônimo de Dom Jerônimo. A FUNAI é simplesmente a "Fundação"; o CIMI, o "Conselho". Outros nomes são transmitidos truncados: o jornalista João Al, o ex-prefeito Sílvio Le, o índio Mário Da, a estudante Angélica Po, o advogado Paulo Co, o estudante Carlos An, "todos mortos a tiros" (221), serão pessoas reais, cujo sobrenome é sugerido por sua primeira sílaba. Quem conhece mais de perto a história recente da causa indígena em Roraima, identificará as pessoas aludidas. Possivelmente outros nomes contenham também suas referências ocultas que o recenseador ignora.

Fatos semelhantes aos narrados no livro são do conhecimento de qualquer pessoa que se tenha ocupado da causa indígena. A intenção de denunciá-los através de uma narrativa literária é que constitui novidade. Trazendo à luz um fato localizado na fronteira do Brasil, apresenta mais um aspecto da pro-

blemática indígena: a questão dos povos divididos pelas fronteiras nacionais, o que evoca o tristemente famoso "Projeto Calha Norte".

Embora sem qualquer competência no campo literário, o recenseador julgou o estilo do livro aborrecido e repetitivo. Talvez o A. tenha querido imitar o modo indígena de narrar. A apresentação gráfica é primorosa. Dignas de menção as discretas e delicadas vinhetas à margem da página inicial de cada capítulo e no fim dos mesmos.

O livro vale por seu caráter testemunhal. Nele está retratada uma história real que se repete cada dia em nosso país, sem grande eco na imprensa. Oxalá ajude os leitores a tornarem-se mais conscientes da necessidade de abraçar ou, pelo menos, apoiar a causa indígena. Que através dele muitos possam descobrir — como cantarola a Índia velha — que "Índio também é gente / Índio também tem nome / Índio também tem dente / Índio também tem fome" (191). O recenseador apoia a intenção do A. e, por isso, para concluir, pode exclamar com ele num plágio ao Apocalipse: "Bem-aventurados aqueles que ouvem com o silêncio e que lêem com o coração as palavras desta profecia" (224).

F.T.

AZZI, Riolando: *A Igreja e o Menor na história social brasileira*. — São Paulo: CEHILA — Paulinas, 1992. 203 pp., 23 x 16 cm. (Coleção: estudos e debates latino-americanos; 22) ISBN 85-05-01265-8

A grave questão dos menores abandonados não é de hoje, embora a situação atual e o modelo econômico vigente a tenham exacerbado até um extremo inaudito e mais escandaloso do que nunca. O conhecido historiador R. A. (Centro João XXIII, Rio de Janeiro) oferece neste volume o fruto de suas pesquisas sobre a atuação da Igreja junto à infância desvalida.

O campo de pesquisa se estende do Brasil Colônia a nossos dias. O A. caracteriza como "amparo ao menor" o tipo de cuidado promovido pela Igreja na sociedade colonial. Três organizações são objeto de seu estudo: as confrarias do Menino Jesus, com que, nos primórdios da colonização, os jesuítas institucionalizaram sua ação educativa junto aos "curumins" com a colaboração de órfãos vindo de Portugal; as Irmandades da Misericórdia, compostas por leigos fidalgos para remediar o fenômeno do abandono de crianças recém-nascidas; os recolhimentos femininos, para preservação da virgindade feminina.

Na sociedade imperial a atuação da Igreja é classificada como de "proteção ao menor". Começam a vir para o Brasil congregações religiosas femininas que se dedicam ao cuidado de órfãos e órfãs, cujo número se torna crescente como fruto de epidemias e da guerra do Paraguai. R. A. estuda no ambiente urbano os primórdios da atividade no Brasil das Filhas da Caridade e das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Destaca as Casas da Caridade do Pe. Ibiapina, que seguem, no ambiente rural do Nordeste, a tradição dos recolhimentos do tempo da colônia. Surgem também associações de leigos católicos visando à proteção do menor. O A. cita quatro exemplos.

Na transição republicana a atividade da Igreja é classificada como "assistência ao menor". R. A. lembra o interesse social dos chamados "bispos reformadores", dando alguns exemplos. Nessa época sobressai como problemática nova a existência dos filhos de escravos nascidos após a Lei do Ventre Livre. Os donos das mães não se interessavam em alimentar e vestir crianças que não lhe seriam posteriormente fonte de rendas. Essas crianças eram conhecidas como "ingênuas" ou "paranhas" (porque a lei fora promulgada sob ministério Paranhos). Para ajudá-las foi fundada na Serra da Piedade, junto a Caeté, MG, a Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade. Da Europa vêm congregações religiosas masculinas visando a trabalhar com crianças pobres. O A. estuda a obra salesiana, a atuação dos escalabrinianos junto aos filhos de imigrantes e a Pequena Obra da Divina Providência. Mesmo que os salesianos tenham depois evoluído para o ensino das classes abastadas, o projeto inicial visava aos pobres, através de escolas profissionais (artes e ofícios) e agrícolas.

Na época atual "a promoção do menor" é visualizada através da pastoral do menor, da democratização da escola, do CEMIC de Lins e dos estudos e pronunciamentos que se fazem a respeito desse grave problema.

Um livro ilustrativo, escrito com a limpidez e linearidade características do A. que podem ler com proveito as pessoas que trabalham com meninos e meninas de rua ou se interessam pela questão do menor, bem como evidentemente por historiadores, seja na área de história da Igreja, seja na história mais ampla.

F.T.

*Contos da realidade.* Olhando a vida dos meninos e meninas de rua. / Apresentação Dom Luciano Mendes de Almeida. — São Paulo: Paulus, 1994. 196 pp., 21 x 13,8 cm. ISBN 85-349-0181-3

A equipe de estudantes jesuítas que trabalham com meninos e meninas de rua, vinculados à Pastoral do Menor da Arquidiocese de Belo Horizonte, está de parabéns com esta publicação. Ela brotou da experiência dura que viveram em sua missão de "educadores de rua". Primeiramente contam "o que viram e ouviram". Estórias impressionantes de violência e ternura, que revelam um lado da questão dificilmente conhecido por quem não vive ou trabalha no setor. Lê-se como um romance de suspense, onde ao mesmo tempo se encontram cenas aterradoras e momentos de imensa ternura. Não sem razão: os personagens são aqueles que costumam ser apresentados à opinião pública como os terríveis "pivetes" e que, vistos de dentro, são vítimas da sociedade, seres profundamente humanos e ainda crianças. Os "contos da realidade" constituem a primeira parte e mais substancial do livrinho (13-120).

Mas os autores não querem simplesmente narrar o que viveram. Querem fazer o leitor pensar. Por isso fornecem nas partes seguintes elementos de reflexão, distribuídos segundo o esquema de ver — julgar — agir. Assim a segunda parte (121-153) fornece material que permita compreender a realidade

de dos meninos e meninas de rua (= MMRua): estatísticas, análises das causas, informação sobre o trabalho da Pastoral do Menor e de outras organizações que em Belo Horizonte se articulam no GIRARUA (Grupo Interinstitucional de Apoio a Educadores que atuam junto a MMRua), a pedagogia dos “tios” (educadores de rua) etc.

A terceira parte (155-180) intitula-se “iluminação bíblica” e oferece subsídios para uma reflexão de fé sobre a realidade dos MMRua, narrada nos “contos” e analisada na parte anterior. Ponto de partida é a pergunta-oração “Deus, onde estás?” nesse mundo que permite que tais coisas aconteçam aos “pequenininhos”. Este é, aliás, o conceito teológico preferido dos AA. (cf. p. 12). Evoca não só a proteção especial que Deus dispensa aos órfãos no AT, mas principalmente a atitude de Jesus que agradece ao Pai ter revelado “estas coisas” aos pequenininhos (Mt 11,25), faz deles uma apologia eloqüente (Mt 18,2-4) e se identifica com eles *non* juízo final (cf. Mt 25,40). Mais ainda: pela encarnação se fez ele mesmo pequenininho. Se o termo vale de todo pobre, *a fortiori* dos MMRua por sua condição de crianças e pobres.

A quarta parte (181-185) dá “pistas para o compromisso”, pois o livro tem a intenção de despertar a que se assuma a causa dos MMRua. Nesse intuito, após cada “conto”, na primeira parte, indicam-se os itens das demais partes que poderiam ajudar numa reflexão sobre o caso narrado. Na introdução (9-12) os AA. dizem a quem se dirige o livro e para que o escreveram. “Os *Contos da realidade* estão dirigidos especialmente às comunidades cristãs e aos grupos que nelas trabalham: grupos de oração, círculos bíblicos, catequistas, grupos de jovens etc.” Mas também “grupos de estudantes de colégios ou universidades que, a partir de sua fé, desejam conhecer a realidade dos MMRua” (9). Esperam despertar a sensibilidade para com os MMRua, mudar o modo de vê-los e levar a assumir compromisso com sua causa (10).

A apresentação de Dom Luciano (7-8) dá o mais alto aval ao trabalho realizado. Não só por sua autoridade de presidente da CNBB, mas principalmente por provir de alguém apaixonado pela causa dos pobres e em especial dos MMRua.

O livro se completa por um glossário (187-188) que permita compreender os termos de gíria usados pelos MMRua e presentes nos “contos”. Uma breve bibliografia comentada (189-191) abre aos interessados a possibilidade de prosseguir o estudo dessa complexa questão.

O livro foi ilustrado por um dos participantes da equipe. Cada conto é acompanhado de uma gravura que “sensibiliza” o narrado. As vinhetas de cada página, variando conforme a parte do livro, são uma ótima idéia. A apresentação gráfica é primorosa.

O livro é, por um lado, muito simples, claro e didático; por outro, forte e de molde a causar impacto. O recenseador o recomenda vivamente a todos, em especial a quem estiver à procura de uma causa justa a que se pôr a serviço. Dificilmente alguém lerá este livro (e refletirá sobre a realidade nele narrada), sem sentir-se profundamente tocado.

F. T.

VALLE, Rogério - PITTA, Marcelo, *Comunidades eclesiais católicas. Resultados estatísticos no Brasil*. Petrópolis, CERIS/Vozes, 1994. 95 pp., 21 x 13,7 cm. Coleção: Igreja do Brasil, ISBN 85.326.1138-9

CERIS e ISER uniram-se para fazer levantamento nacional das Comunidades eclesiais católicas (CECs). É bom logo chamar a atenção do leitor para o fato de que não se trata sem mais de comunidades eclesiais de base (CEBs), ainda que a pesquisa permita tirar alguma conclusão sobre elas. O levantamento foi feito através das paróquias. Isso já significa que as respostas vêm marcadas pelo ponto de vista do pároco e que o próprio conceito de comunidade eclesial católica responde a sua compreensão. A colaboração em responder foi desigual, tendo a região Sul IV o índice maior de resposta e as regiões Nordeste I e II os menores índices. Conjugaram-se questões fechadas e abertas. O livro explica detalhadamente o método de coleta e análise. O método adotado de "análise das correspondências" leva em consideração maior número de variáveis com a finalidade de identificar as características que pudessem permitir a diferenciação das CECs de acordo com as repostas dadas às diversas perguntas do questionário. Permite também trabalhar dados qualitativos e o cruzamento de repostas de diversas questões.

Os resultados são muito interessantes e fazem pensar. À guisa de exemplo, vão alguns dados:

- mais da metade das CECs celebra a Eucaristia uma vez por mês;
- celebração dominical sem padre já atinge 3/4 das CECs;
- 3/4 das CECs já organizaram o conselho comunitário ou equipe de coordenação;
- as comunidades fazem a preparação de seus membros para os sacramentos: 65% em relação ao batismo; 60% à crisma; 83% à eucaristia e somente 28% ao matrimônio.

Estes poucos dados pinçados já mostram o interesse da pesquisa e a importância de uma reflexão sobre ela.

A pesquisa permite também distinguir a vida das CECs na cidade e no mundo rural, e nas diversas regiões do país.

Finalizando esta pequena notícia para despertar a curiosidade do leitor, constatou-se relação no interior das CECs entre o esmero com a vida interna religiosa e o compromisso social. Isto vem refutar suspeita azeda de que o compromisso social se faz à custa da vida religiosa. Com efeito, as atividades sociais e econômicas e a participação política existem em maior frequência justamente nas comunidades em que a missa ocorre com maior frequência, levando-nos, diz o analista da pesquisa, a deduzir que nessas comunidades há nível de organização maior (p.37).

Vale a pena conferir os dados e pensar sobre eles, sobretudo quando se conhecem a seriedade, a transparência e a competência dos pesquisadores.

*J.B.L.*

LORING, Salvador, SJ., *Nazaret. Sueños de un corazón creyente, Asunción, Centro de Espiritualidad 'Santos Mártires', 1993. 285 pp., 21,5 x 15,5 cm. Coleção Santos Mártires.*

Livro que nasce de longas leituras e meditações que se iniciam com o Memorial do Beato Fabro em torno à vida de Jesus nos anos obscuros e preparatórios de Nazaré em perspectiva narrativa, evitando os meandros da exegese e da dogmática. Conjuga fatos reais, como p. ex. o crescimento de Jesus, com cenas concretas criadas, com o coração e fantasia de um crente. Daí o subtítulo do livro: "Sonhos de um coração crente". A base dogmática é sólida: O Verbo se fez homem como nós no meio às reações psicológicas normais dos humanos. Persegue o balbuciar da consciência humana de Jesus em relação a seu ser divino.

É um livro à margem da exegese moderna no sentido de tomar os dados bíblicos no seu significado imediato sem entrar naturalmente nas discussões do Jesus palestinese e da releitura pós-pascal dos evangelistas. O livro não se situa nesse campo. Tem outra finalidade. Quer alimentar a espiritualidade, a oração, a piedade, a intimidade com Jesus, através de esforço orante de imaginar como teria sido a sua vida.

O A. trabalha bem dentro de cristologia, convencionalmente chamada "de baixo", em que se valoriza a dimensão humana de Jesus. O A. se concentra na questão da consciência humana de Jesus. Intenta responder a pergunta: "Quando Jesus soube que Ele era Deus?" (p. XV). Não o faz de maneira teológica, mas imaginando cenas verossímeis da vida do menino Jesus.

O livro começa com belas palavras sobre Maria e seu mundo, explicando a expressão paulina: "nascido de mulher" (Gl 4,4). O A. acompanha o crescimento de Jesus a partir dos escassos dados bíblicos, criando com fantasia e devoção as cenas normais da vida de uma criança, adolescente e jovem. São cenas do cotidiano em que Maria e José, os dois e Jesus, vivem vida normal de família.

São midraxas bonitos, recheados de outros textos bíblicos em tom narrativo-meditativo. Ajuda o leitor a meditar a vida de Jesus na sua face bem humana sem obscurecer o lado do mistério, antes envolvendo-o.

As páginas, que descrevem o primeiro momento em que Jesus criança toma consciência explícita de sua condição divina, são muito bem trabalhadas com uso da psicologia humana. Conjuga o sonho com o testemunho de Maria e José. Bonita também a cena do templo. E finalmente o batismo marca a decisão final de Jesus na sua vocação.

É de estilo simples, de ingenuidade pura, que tece o dia-a-dia de uma criança, adolescente e jovem que vai progressivamente tomando consciência de sua própria realidade de Filho de Deus no convívio com as pessoas, sobretudo com Maria e José. Sobre base teológica correta e alguns poucos dados bíblicos, o A. constrói todo o livro como a vida de alguém que se prepara durante 30 anos no pequeno convívio de sua casa para a missão de Messias com a consciência de Filho de Deus.

*J.B.L.*